

**VARIAÇÕES NA PRONÚNCIA DOS SONS /θ/, /ð/ E [ɬ] NA PRODUÇÃO ORAL DE (FUTUROS) PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA: IMPLICAÇÕES PARA A REVISÃO DE FAIXAS DE PROFICIÊNCIA DE UM EXAME PARA PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**VARIATIONS IN THE PRONUNCIATION OF THE SOUNDS /θ/, /ð/ AND [ɬ] IN SPEECH SAMPLES OF (PROSPECTIVE) ENGLISH TEACHERS: IMPLICATIONS FOR THE REVISION OF PROFICIENCY BANDS IN AN EXAMINATION FOR FOREIGN LANGUAGE TEACHERS**

**DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e18738**

**Marina Melo Cialdini<sup>1</sup>**  
**Douglas Altamiro Consolo<sup>2</sup>**

**Resumo:** Os sons /θ/, /ð/ e [ɬ] são desafiadores para aprendizes brasileiros de língua inglesa (LI), que comumente os substituem por segmentos não marcados. Analisamos a produção desses sons em 53 amostras de fala de (futuros) professores de LI, objetivando revisar as faixas de proficiência do aspecto “pronúncia” do Exame de Proficiência para Professores de Língua Estrangeira (EPPLE). A produção dos sons foi variável em todos os níveis de proficiência, porém em conformidade com variantes da LI. Entretanto, como a produção conforme a forma padrão destacou-se como marcadora de proficiência, desenvolvemos um descritor específico para esses sons, separadamente dos desvios segmentais.

**Palavras-chave:** Língua inglesa; Pronúncia; Sons complexos; Proficiência; EPPLE.

**Abstract:** The sounds /θ/, /ð/, and [ɬ] are challenging for Brazilian English learners, who often substitute them by unmarked segments. With the aim of revising the proficiency bands used to assess pronunciation in the Proficiency Examination for Foreign Language Teachers (EPPLE), we analysed the production of these sounds in 53 oral production samples of (future) English teachers. The production of the sounds was variable across all proficiency levels, but corresponding to native variants of the language. However, since production according to the standards emerged as a proficiency marker, we developed a specific descriptor for these sounds, separate from segmental variations.

**Keywords:** English; Pronunciation; Complex sounds; Proficiency; EPPLE.

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de São José do Rio Preto. E-mail: marina.cialdini@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8125-0148>.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Aplicada e Livre-Docente em Língua Inglesa. Professor Sênior na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de São José do Rio Preto. E-mail: douglas.consolo@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6247-8657>.

## Introdução

Neste artigo, apresentamos uma discussão sobre parte dos dados quantitativos gerados no trabalho de Cialdini (2023), os quais se referem à análise da produção dos sons /θ/, /ð/ e [t] em amostras de falas de professores de língua inglesa (LI) em formação e em atuação, cujos desempenhos orais situam-se em diferentes níveis de proficiência. Mais precisamente, discorreremos sobre o quão variável caracteriza-se a produção desses segmentos nas amostras analisadas e, conseqüentemente, sobre as contribuições dessa análise para a revisão de um conjunto de faixas de proficiência utilizadas para a avaliação dos desempenhos orais no Exame de Proficiência para Professores de Língua Estrangeira (EPPLE). É importante salientar que este artigo traz reflexões adicionais ao trabalho da referida autora.

O EPPLE, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira: crenças, construtos e competências (ENAPLE-CCC; CNPq/UNESP) se propõe a avaliar a proficiência linguístico-comunicativo-pedagógica do professor que se encontra em fase pré-serviço, bem como do profissional que já tenha iniciado a sua carreira como docente (Consolo; Teixeira da Silva, 2014). Por se tratar de um instrumento em desenvolvimento, trabalhos visando o seu aprimoramento são constantemente desenvolvidos pelos membros do grupo de pesquisa ENAPLE-CCC. Para tanto, versões piloto do exame são regularmente aplicadas na LI. Almeja-se que o EPPLE seja implementado futuramente no Brasil com vistas a ocasionar um efeito retroativo positivo nas grades curriculares dos cursos de Letras (Consolo; Teixeira da Silva, 2014).

O EPPLE é um exame composto por dois testes: um teste de compreensão de leitura e de produção escrita, e um teste de produção e de compreensão oral. Em ambos os testes, o candidato deve demonstrar as habilidades que são esperadas para o exercício da sua função como professor de LI de modo satisfatório. A título de exemplo, espera-se que o (futuro) professor de LI faça uso da metalinguagem em uma tarefa do teste oral do EPPLE que consiste no esclarecimento de uma dúvida gramatical de um aluno hipotético.

Para a avaliação dos desempenhos orais no EPPLE, os examinadores dispõem de duas escalas de proficiência: uma escala holística e uma escala analítica – disponibilizadas nos Apêndices 1 e 2, respectivamente –, sendo no âmbito dessa escala analítica que este trabalho se insere. Essa escala, desenvolvida por Oliveira (2021), apresenta separadamente os aspectos que compõem a proficiência oral (“pronúncia”, “fluência”, “precisão gramatical”, “precisão do vocabulário” e “metalinguagem e conhecimento específico”) para que sejam avaliados de modo

independente. Logo, os processos avaliativos que se utilizam de escalas analíticas são caracterizados por maior objetividade em comparação àqueles que se apoiam somente em escalas holísticas.

Devido a uma limitação da metodologia<sup>3</sup> empregada por Oliveira (2021) para o desenvolvimento da escala de proficiência analítica destinada à avaliação dos desempenhos orais no EPPL, os critérios que caracterizam cada aspecto da produção oral não se encontram regularmente dispostos ao longo das suas faixas. A título de ilustração, consideremos, no Apêndice 2, o conjunto de faixas analíticas utilizadas para a avaliação do aspecto “pronúncia”, sobre o qual incidem as nossas contribuições. É possível notar que, com exceção do emprego da tonicidade nas palavras, os demais critérios – isto é, o emprego da entoação para enfatizar elementos-chave no enunciado e a variação na produção de vogais e consoantes – não se encontram presentes em todos os níveis de proficiência da escala.

Visando sugerir melhorias para as faixas de proficiência supramencionadas, Cialdini (2023) conduziu, por meio da avaliação de 53 amostras de desempenho oral de (futuros) professores de LI, uma análise da relevância dos critérios propostos por Oliveira (2021). Para a análise da relevância do critério “variações na produção de vogais e consoantes”, os aspectos segmentais foram considerados em duas categorias: por um lado, a variação na produção dos sons /θ/, /ð/ e [ɬ] e, por outro lado, a variação na produção dos demais segmentos (consonantais e vocálicos) produzidos pelos participantes da investigação.

O fato de os segmentos /θ/, /ð/ e [ɬ] terem sido analisados isoladamente justifica-se, primeiramente, por uma motivação pessoal. A observação de dificuldades e de padrões variáveis de produção desses segmentos entre os seus alunos e colegas de profissão foram fatores que despertaram o interesse destes autores ao longo dos anos em que vêm atuando como professores de LI.

As consoantes /θ/ e /ð/ (“fricativa dental desvozeada” e “fricativa dental vozeada”, respectivamente) são ortograficamente representadas na LI pelo grafema “th”. A consoante [ɬ], denominada “lateral velarizada”, é ortograficamente representada pela letra “l” quando em posição final de sílabas. As duas primeiras são inexistentes no inventário fonológico da língua portuguesa (Alves; Brawerman-Albini; Lacerda, 2017), enquanto a última pode ser encontrada no inventário fonológico do português europeu e em alguns dialetos do sul do Brasil

---

<sup>3</sup> *EBBs (Empirically derived, Binary choice, Boundary definition scales)*. Maiores informações sobre esta metodologia podem ser conferidas em Oliveira (2021).

(Collischonn; Quednau, 2009). Assim sendo, observa-se uma tendência entre os aprendizes brasileiros de LI em substituir esses três segmentos por formas não marcadas, ou seja, por

fonemas que são semelhantes em termos acústicos e que possuem articulação mais simples. Essas substituições, no entanto, não são vistas como fontes de ininteligibilidade (Jenkins, 2000) e são, do mesmo modo, realizadas por falantes nativos da LI. Discorreremos sobre esses tópicos na próxima seção.

Diante dessas peculiaridades, objetivamos investigar em que medida a avaliação dos critérios de produção dos sons /θ/, /ð/ e [ɮ] poderia contribuir para a caracterização dos desempenhos orais de (futuros) professores de LI e, por conseguinte, para o aprimoramento das faixas de proficiência analíticas utilizadas para a avaliação do aspecto “pronúncia” no EPPL.

Este artigo encontra-se organizado em cinco partes. Nesta seção, foram apresentados os elementos introdutórios ao estudo. Na próxima seção, apresenta-se o arcabouço teórico que embasa a análise dos sons /θ/, /ð/ e [ɮ] em amostras de fala de (futuros) professores de LI, cujas especificações encontram-se na seção subsequente, acompanhadas da descrição da metodologia empregada. Em seguida, conduzimos a análise dos dados e apresentamos os resultados obtidos. Na última seção, tecemos algumas considerações sobre esses resultados.

## 1 Fundamentação teórica

Os sons /θ/, /ð/ e [ɮ] são considerados marcados para falantes que possuem o português brasileiro como língua materna. Segundo a teoria de marcação fonológica, um som é marcado quando a sua presença é rara nos inventários fonológicos das línguas do mundo e quando a sua articulação é caracterizada por um alto nível de complexidade (Maddieson, 1984; Eckman, 2008). Em outras palavras, os segmentos não marcados são mais comuns e possuem articulação mais simples, enquanto o oposto é verdadeiro no que diz respeito aos segmentos marcados (Eckman, 2008). Ao associar a marcação fonológica com a aquisição de línguas estrangeiras (LEs), Eckman (1991; 2008) esclarece que um som é classificado como marcado quando é inexistente na língua materna do aprendiz. A aquisição de um som marcado, portanto, se torna mais difícil para um aprendiz de uma LE. Para maiores detalhes acerca da relação da marcação fonológica e a aquisição de LEs, recomenda-se a leitura de Eckman (1991; 2008).

Um levantamento realizado por Maddieson (1984) em um banco de dados composto por 317 línguas resultou na constatação de que somente 18 (5,7%) e 21 (6,6%) dessas línguas, respectivamente, possuíam os sons /θ/ e /ð/ em seus inventários fonológicos. O processo de

articulação desses sons, classificados como consoantes fricativas, caracteriza-se pela inserção da ponta da língua entre os dentes frontais superiores e inferiores (Hancock, 2003). Alternativamente, é possível que a língua toque sutilmente a parte posterior dos dentes

superiores (Roach, 2009). Essa articulação provoca uma obstrução parcial da corrente de ar, o que provoca uma fricção. O que os difere é que essa fricção é mais forte durante a produção de /θ/, ocasionando, portanto, um ruído mais alto na região dos articuladores. Outra diferença se deve ao fato de haver vibração das cordas vocais durante a produção de /ð/, sendo que esta característica é inexistente no processo articulatório de /θ/. Diante dessas características, os segmentos /θ/ e /ð/ recebem as denominações de “fricativa dental desvozeada” e “fricativa dental vozeada”, respectivamente (Roach, 2009). “*Think*” /θɪŋk/ e “*though*” /ðəʊ/ são exemplos de palavras da LI que possuem esses sons.

O som [ɫ], por sua vez, é apontado por Johnson e Britain (2007) como altamente marcado. Trata-se de um alofone do som /l/ encontrado em posição inicial de sílabas, como por exemplo, na palavra “lado” /ˈladu/ da língua portuguesa e na palavra “*life*” /laɪf/ da LI. Durante a produção do /l/, a ponta da língua toca o cume posterior dos dentes superiores ou a região dos alvéolos. Essa articulação leva a uma obstrução do ar no local onde se encontram ambos os articuladores. Por conseguinte, o ar escapa pelas laterais da língua (Roach, 2009), o que justifica a denominação dessa consoante como “lateral”. Quando a esse processo é acrescentada uma articulação denominada “velarização”, a lateral realiza-se com o alofone [ɫ]. A velarização corresponde ao levantamento do dorso da língua em direção ao véu palatino. Por conseguinte, essa consoante é denominada “lateral velarizada” (Collischonn; Quednau, 2009). A lateral velarizada é encontrada em posição final de sílabas da LI, como na palavra “*mall*” /ma:ɫ/.

As fricativas dentais desvozeada /θ/ e vozeada /ð/ são inexistentes na língua portuguesa (Alves; Brawerman-Albini; Lacerda, 2017), ao passo que a lateral velarizada [ɫ] é a forma padrão de realização do /l/ em posição final de sílabas no português europeu e em certos dialetos da região sul do Brasil (Collischonn; Quednau, 2009). Frente ao exposto, conclui-se que /θ/, /ð/ e [ɫ] são segmentos marcados para aqueles que possuem o português brasileiro como língua materna.

Estudos de natureza experimental se concentraram na investigação dos padrões de produção dos sons em questão em produções orais de aprendizes brasileiros de LI que se encontravam em níveis de proficiência diversos. A investigação de Reis (2006) analisou a produção dos segmentos /θ/ e /ð/ em amostras de fala de vinte e quatro aprendizes de LI de

níveis pré-intermediário e avançado. A partir da aplicação de três testes de produção controlada e semi-controlada, foram produzidos 2.102 itens lexicais que continham os fonemas /θ/ e /ð/ em posição inicial. A combinação dos resultados obtidos em cada teste revelou que: (i) [t] foi utilizado como substituto ao som /θ/ em 53% e em 40% das ocorrências dos aprendizes de nível pré-intermediário e avançado, respectivamente; (ii) houve a substituição do som /ð/ por [d] em 96% das ocorrências dos aprendizes de nível pré-intermediário, enquanto o mesmo padrão foi observado em 92% das ocorrências dos aprendizes de nível avançado.

O experimento de Rodrigues (2014), por sua vez, teve como objetivo analisar a produção da lateral velarizada [ɬ] em produções orais de doze aprendizes brasileiros de LI. Seis participantes possuíam nível de proficiência básico, ao passo que a outra metade se situava no nível avançado. Os dados foram coletados por meio de um teste de produção controlada, o qual originou um *corpus* com um total de 288 palavras que continham o som [ɬ]. Para a análise dos dados, a pesquisadora fez uso de dois procedimentos: reconhecimento auditivo e análise acústica. Os padrões de produção do som em questão foram classificados em duas categorias: como uma lateral velarizada [ɬ] ou como um *glide* posterior [w]. Segundo os resultados obtidos: (i) os aprendizes de nível iniciante produziram a semivogal [w] em 88% das ocorrências; (ii) os aprendizes de nível avançado apresentaram um índice de produção acurada do som [ɬ] de 78%. A partir desses resultados, conclui-se que um maior tempo de exposição à LI favorece a consolidação da pronúncia do som [ɬ].

Outrossim, a tendência de substituir os sons /θ/, /ð/ e [ɬ] por segmentos menos marcados é recorrente entre os falantes nativos da LI. Nas variantes do inglês britânico, tais substituições advêm das variantes *Cockney* e *Estuary English*. *Cockney*, originário de uma região leste da cidade de Londres, é um dialeto associado à classe trabalhadora (Wells, 1982). A variante *Estuary English* também tem suas origens na cidade de Londres – especificamente nas regiões próximas ao Rio Tâmisa – e também é associada a fatores sociolinguísticos (Crystal, 2008).

Dentre as várias particularidades que caracterizam a variante *Cockney*, destacam-se as substituições dos sons /θ/ e /ð/ por [f] e [v], respectivamente. A palavra “*thanks*” /θæŋks/ é pronunciada como /fæŋks/, enquanto a palavra “*mother*” /ˈmʌð.ər/ é pronunciada como /ˈmʌv.ər/ (Crystal, 2008). Outra característica fonológica recorrente nessa variante e também no *Estuary English* é a pronúncia do /l/ em posição final de sílabas de maneira vocalizada, isto é, como [w]. Logo, a palavra “*doll*” /dɒl/ é pronunciada como /dɒw/ (Crystal, 2008).

Linguistas (Crystal, 2008; Mugglestone, 2017; entre outros) apontam que essas características fonológicas vêm se disseminando no Reino Unido em termos geográficos e sociais, acarretando, inclusive, mudanças na *Received Pronunciation*, a variante padrão utilizada para a confecção de materiais didáticos para o ensino do inglês na variante britânica. No que se refere ao inglês americano, existem variações na pronúncia dos sons /θ/, /ð/ e [ɬ] no *African American Vernacular English* (AAVE), uma variante falada pelos afro-americanos de

classes sociais desfavorecidas. No AAVE, são recorrentes as substituições de /θ/, /ð/ e [ɬ] por [t] ou [f], [d] ou [v] (Sneller, 2014; Carr, 2013) e [w] (Durian, 2008), respectivamente. No entanto, diferentemente do inglês britânico, essas formas de pronúncia não se encontram tão difundidas nas variantes do inglês americano. De modo geral, tratam-se de fenômenos associados à discriminação e a estereótipos. A título de exemplo, vale mencionar o estudo de Durian (2008), que investigou a produção do som [ɬ] por dois grupos de habitantes da cidade de *Columbus (Ohio)*: falantes do AAVE e indivíduos brancos que pertenciam a classes sociais de prestígio. Apesar de a substituição da lateral velarizada [ɬ] por [w] ter sido observada nos dois grupos de participantes, o fenômeno ocorreu de modo mais expressivo no primeiro grupo.

Em seu estudo sobre evolução e alterações fonológicas, Blevins (2006) apresenta uma listagem sobre substituições às fricativas dentais /θ/ e /ð/ em outras localidades onde a LI é língua corrente. Segundo a autora, a produção de /θ/ e /ð/ é variável entre os australianos e os neozelandeses, uma vez que a pronúncia padrão e as substituições por [f] e [v], respectivamente, ocorrem alternadamente. Em contrapartida, as alterações fonológicas já estão consolidadas no arquipélago de *Shetland*, na Escócia, bem como na região oeste da Irlanda, onde os referidos sons são categoricamente substituídos por [t] e [d], respectivamente. A autora menciona que estas substituições também são observadas como padrões estáveis em *Newfoundland*, província canadense. Blevins (2006) acrescenta que, devido a fatores relacionados à evolução fonológica, ambos os segmentos poderão vir a ser eliminados do inventário fonológico da LI.

Considerações sobre a pronúncia dos sons /θ/, /ð/ e [ɬ] no contexto de ensino e aprendizagem da LI foram pioneiramente feitas por Jenkins (2000), em um estudo que objetivou detectar os aspectos fonológicos que poderiam vir a comprometer a inteligibilidade em interações na LI que ocorrem entre falantes que possuem línguas maternas distintas. Seus dados foram coletados por meio de experimentos e de observações de campo em um contexto de ensino da LI a aprendizes de diferentes nacionalidades. Como resultado, Jenkins (2000) produziu o *Lingua Franca Core* (LFC); trata-se de um inventário no qual aspectos da pronúncia



são apresentados em duas categorias: “essenciais” e “não essenciais” para uma comunicação inteligível. Os segmentos /θ/, /ð/ e [ʃ] são classificados por Jenkins (2000) na segunda categoria. Segundo a pesquisadora, são aceitáveis as seguintes substituições: [f] ou [t] para /θ/; [v] ou [d] para /ð/; e [w] para [ʃ]. Além de fundamentar a sua posição nos seus dados empíricos, Jenkins (2000) se apoia no fato de que essas substituições são recorrentes em variantes da LI. Diante da classificação desses sons no LFC e da complexidade articulatória que os caracterizam, especialmente no que se refere à lateral velarizada [ʃ], Jenkins (2000) defende que não vale a

pena tanto esforço por parte de aprendizes de LI em tentar reproduzi-los de acordo com a forma padrão da LI.

## 2 Metodologia, contexto e participantes da pesquisa

Esta análise se vale dos dados quantitativos gerados no trabalho de Cialdini (2023), isto é, os dados referentes ao reconhecimento dos padrões de produção dos sons /θ/, /ð/ e [ʃ] em 53 amostras de produção oral de (futuros) professores de LI. Essas amostras pertencem a dois *corpora*<sup>4</sup>:

1. Vinte e nove gravações de aplicações do teste oral do EPPLÉ que ocorreram em 2015 e em 2017<sup>5</sup>. Os candidatos são licenciandos em Letras de duas universidades públicas mineiras e de uma universidade pública paulista. O tempo de duração das gravações varia de quatro a oito minutos. O teste foi aplicado em formato eletrônico e é composto por cinco tarefas: (i) visando uma ambientação à situação de avaliação, o candidato é convidado a discorrer sobre as suas experiências acadêmicas e sobre a sua experiência de aprendizado da LI; (ii) o candidato descreve duas situações típicas de sala de aula que são apresentadas em fotografias e, logo em seguida, reflete sobre o assunto; (iii) o candidato responde a questões de múltipla escolha com base no conteúdo de um vídeo de curta duração (como por exemplo, a importância da motivação no aprendizado de uma LE), e, em seguida, emite a sua opinião sobre o assunto; (iv) essa tarefa consiste em uma simulação de fornecimento de instruções, a uma sala de aula hipotética, sobre a realização de uma atividade em aula; (v) o candidato esclarece uma dúvida gramatical de um aluno fictício (como por exemplo, a diferença entre *will* e *going to* para se referir a situações futuras).

<sup>4</sup> Ambos os *corpora* se encontram armazenados em um banco de dados do grupo de pesquisa ENAPLE-CCC.

<sup>5</sup> Protocolo do CEP-IBILCE: 007.0.229.325-11 / Parecer nº 057/11. Agradecemos à Prof. Dra. Camila Sthéfanie Colombo por ter gentilmente compartilhado os seus arquivos de áudio do teste oral do EPPLÉ, bem como suas transcrições.



2. Vinte e quatro gravações de seminários apresentados em uma disciplina de LI por alunos que cursavam o último ano de um curso de Licenciatura em Letras Inglês/Português em uma universidade pública localizada no interior do estado de São Paulo<sup>6</sup>. Em razão da pandemia de COVID-19, as aulas foram ministradas remotamente a três turmas do referido curso em 2020 e em 2021, via plataforma *Google Meet*. Os seminários têm como temas particularidades da LI (como expressões idiomáticas), bem como questões culturais e turísticas de países onde a LI é língua corrente. Tendo em vista que o tempo de duração dos

seminários é variável e que alguns licenciados interagem com os colegas durante as suas apresentações, estipulou-se que os primeiros trinta minutos de cada apresentação fossem considerados para esta análise e que as transcrições dentro deste recorte abrangessem apenas as falas dos apresentadores.

O *software Phon* (Rose; Mcwhinney, 2014) foi utilizado para a geração e processamento dos dados referentes aos sons /θ/, /ð/ e [ɪ] nas amostras de desempenho oral. Especificamente, a utilização desse programa se resumiu nas seguintes ações: realização de transcrição ortográfica, geração de transcrição fonética, análise auditiva dos padrões de produção dos sons /θ/, /ð/ e [ɪ] e geração de relatórios com dados quantitativos referentes à produção de cada um dos sons<sup>7</sup>.

Na Figura 1, a seguir, é apresentada uma imagem da área de trabalho do *software Phon*.

---

<sup>6</sup> Protocolo do CEP-IBILCE: 71337523.9.0000.5466 / Parecer nº 6.538.189.

<sup>7</sup> Maiores informações sobre o *Phon* podem ser encontradas no endereço eletrônico [https://www.phon.ca/phon-manual/getting\\_started.html](https://www.phon.ca/phon-manual/getting_started.html).

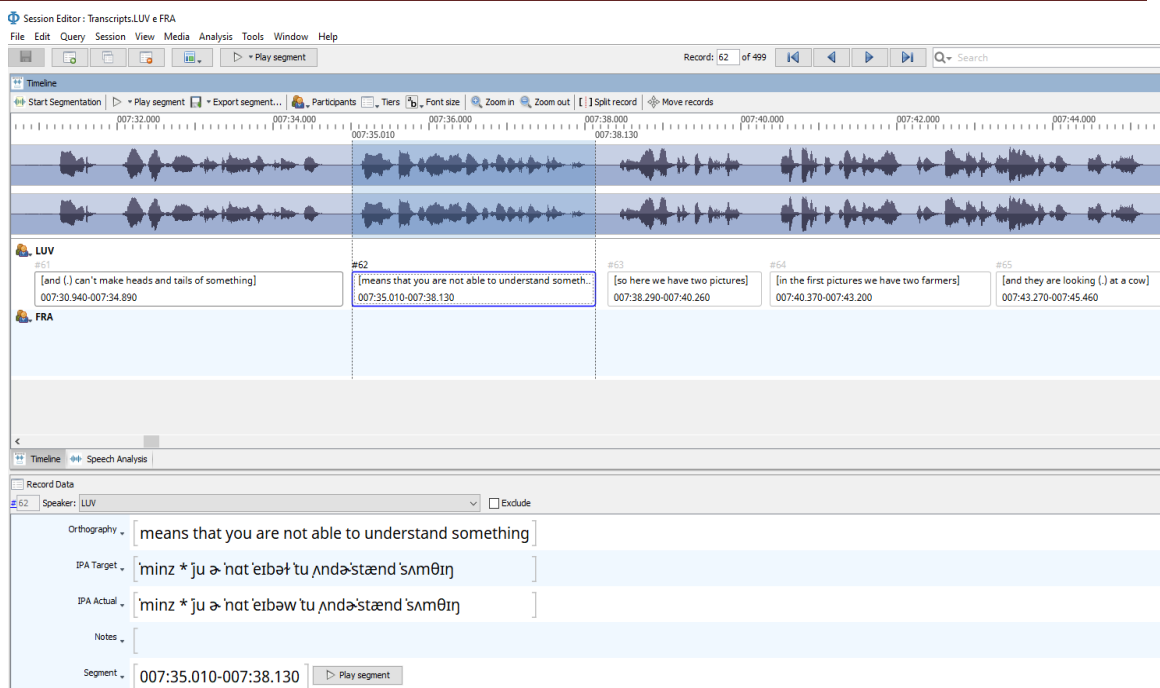


Figura 1: Interface do *software Phon*  
Fonte: Cialdini (2023, p. 97).

A Figura 1 ilustra a disposição dos recursos textuais e auditivos de uma amostra de desempenho oral na área de trabalho do *software Phon*. As ondas acústicas, localizadas na parte

superior da imagem, se referem aos segmentos da fala do participante LUV<sup>8</sup>. Logo abaixo, encontra-se a transcrição ortográfica de cada enunciado. Na porção inferior da ilustração, encontram-se os campos nos quais conduziu-se a análise fonético-fonológica: a transcrição fonética automática foi gerada nas linhas *IPA Target* e *IPA Actual*, sendo esta última modificada conforme a realidade da produção oral; para tanto, o *software* dispõe de um mapa do Alfabeto Fonético Internacional que funciona como um teclado. A título de exemplificação, é possível observar, na Figura 1, que o participante LUV substitui a consoante lateral velarizada [ɫ] por [w] ao pronunciar a palavra “able”, enquanto a pronúncia da fricativa dental desvozeada /θ/ na palavra “something” ocorre conforme a forma padrão.

O reconhecimento dos padrões de produção dos sons /θ/, /ð/ e [ɫ] ocorreu por meio da percepção auditiva e a partir do critério de que cada fragmento que os contivesse fosse ouvido

<sup>8</sup> Para a identificação das amostras de desempenho oral, elaborou-se uma sigla de três letras referente ao prenome e a um dos sobrenomes de cada participante (como por exemplo, FRD).

por, no mínimo, três vezes. A escolha por esse método pode ser justificada, assim como em Reis (2006), pelas semelhanças acústicas compartilhadas entre /θ/, /t/ e /f/, bem como pelo par /ð/ e /d/ (Ladefoged; Johnson, 2011). Diante disso, a realização de análise acústica para o reconhecimento desses segmentos seria um procedimento pouco confiável.

Embora Rodrigues (2014) tenha se apoiado na análise acústica para o reconhecimento da realização do som [ɬ], decidimos que o reconhecimento desse som fosse realizado neste estudo de modo exclusivamente auditivo. Nossa posição justifica-se, primeiramente, pela natureza deste trabalho: ao invés de caracterizar-se como experimental, nosso estudo insere-se na área de avaliação de LEs. Ademais, procuramos estabelecer procedimentos metodológicos que possam ser replicados por examinadores em contextos reais de avaliação de proficiência oral.

Também é importante ressaltar que optamos por excluir da nossa análise as *function words* curtas que possuem o som /ð/, uma vez que, em consonância com a afirmação de Roach (2009), a diferenciação entre /ð/ e /d/ se mostrou demasiadamente difícil nessa classe de palavras perante às semelhanças acústicas compartilhadas entre ambos os segmentos. Logo, a consideração de *function words* curtas com a fricativa dental vozeada /ð/ acarretaria na geração de dados pouco confiáveis, especialmente na fala dos participantes que possuem um bom comando de aspectos relacionados à fluência, característica que faz com essas palavras sejam pronunciadas de forma átona. As palavras excluídas foram “the”, “this”, “these”, “that”,

“those”, “then”, “they”, “their” e “there” (esta última, porém, não foi desconsiderada quando utilizada como substantivo, pois nesse caso a sua pronúncia tende a não ocorrer de forma átona). Para tanto, um asterisco (\*) foi inserido no lugar dessas palavras nas linhas *IPA Target* e *IPA Actual*, conforme pode ser observado na Figura 1. O mesmo símbolo foi utilizado para a indicação de ocorrências de não reconhecimento dos sons /θ/, /ð/ e [ɬ] em virtude de fatores relacionados à qualidade do áudio.

Finalizado o procedimento de reconhecimento dos padrões de produção dos segmentos /θ/, /ð/ e [ɬ], foram gerados, no *software Phon*, relatórios sobre produção de cada um dos sons no âmbito de cada *corpus*. As informações presentes nos relatórios foram exportadas para o *Excel*, onde foi conduzido o agrupamento dos dados de acordo com os níveis de proficiência atribuídos aos desempenhos orais. Por fim, os dados foram convertidos em gráficos, os quais são apresentados na próxima seção.

O procedimento de classificação dos desempenhos orais foi pautado nos critérios presentes nas faixas de proficiência analíticas do aspecto “pronúncia” do teste oral do EPPL (Oliveira, 2021), a saber, “emprego da entoação para destacar elementos-chave no enunciado”, “variações na produção de vogais e consoantes” e “emprego inadequado da tonicidade das palavras”. A avaliação do emprego da entoação foi realizada de modo impressionista, ao passo que a avaliação dos demais critérios foi conduzida por meio da alteração da linha *IPA Actual* no *software Phon*. Assim, a classificação aos desempenhos orais foi realizada a partir da contagem dos desvios segmentais e de tonicidade lexical, processo este que nos levou a tecer considerações sobre a elaboração de uma proposta de revisão para esse conjunto de faixas de proficiência.

Ressaltamos, novamente, que a análise de /θ/, /ð/ e [ɬ] foi considerada separadamente do critério de desvios segmentais. Essa decisão justifica-se pelo arcabouço teórico apresentado neste artigo, segundo o qual as substituições realizadas pelos brasileiros aos referidos sons não deveriam ser consideradas como desvios de pronúncia, uma vez que são recorrentes entre os falantes nativos da LI e não comprometem a inteligibilidade. Porém, acreditamos que a análise dos critérios de produção desses sons pode suscitar reflexões acerca das características da produção oral de (futuros) professores de LI e, como consequência, para o aprimoramento das faixas de proficiência analíticas do aspecto “pronúncia” (Oliveira, 2021) no EPPL.

### 3 Análise dos dados e resultados

Foram analisados 4.848 segmentos nesta investigação. Este número equivale a: 1.423 ocorrências da fricativa dental desvozeada /θ/; 346 ocorrências da fricativa dental vozeada /ð/; e 3.079 ocorrências da lateral velarizada [ɬ]. A seguir, nos Gráficos 1, 2 e 3<sup>9</sup>, são apresentados os dados percentuais acerca da produção dos sons /θ/, /ð/ e [ɬ] de acordo com os níveis de proficiência atribuídos aos participantes.

Diferentemente dos estudos experimentais apresentados na seção de fundamentação teórica deste artigo, não utilizamos o adjetivo “acurado” em referência às ocorrências nas quais os sons não foram substituídos. Alternativamente, consideramos que tais ocorrências correspondem a produções realizadas “de acordo com a forma padrão”.

---

<sup>9</sup> Dados e resultados trazidos de Cialdini (2023).

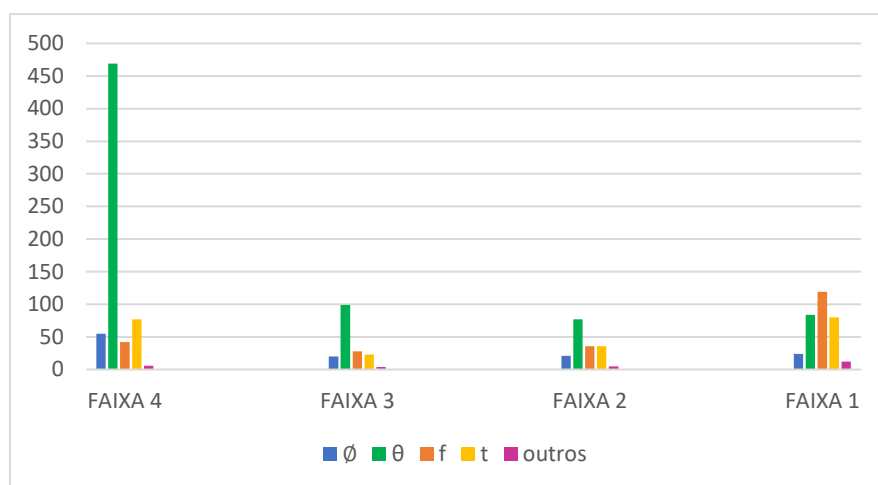


Gráfico 1: A produção do som /θ/ de acordo com o nível de proficiência  
Fonte: Cialdini (2023, p. 138).

Os números referentes à produção do som /θ/ de acordo com a forma padrão, conforme apresentados no Gráfico 1, equivalem aos seguintes índices percentuais: 72% (faixa 4), 57% (faixa 3), 44% (faixa 2) e 26% (faixa 1). A substituição do som /θ/ por /f/ e /t/ se mostrou pouco variável entre os desempenhos orais alocados nas faixas 4 e 3, bem com entre os desempenhos pertencentes às faixas 2 e 1. Os valores percentuais referentes às produções dos sons substitutos /f/ e /t/ são, respectivamente: 6% e 12% (faixa 4); 16% e 13% (faixa 3); 20% e 21% (faixa 2); e 37% e 25% (faixa 1). Em outros termos, a substituição da fricativa dental desvozeada /θ/ por sons não marcados ocorre com mais frequência entre os desempenhos orais classificados nas faixas de proficiência 2 e 1.

As seguintes ocorrências são ilustrativas dos padrões de produção desse segmento pelos participantes deste estudo: “*month*” [ˈmʌnθ] e “*author*” [ˈɑθə], palavras produzidas por EME e LUV, respectivamente; as palavras “*something*” [ˈsʌmfɪŋ] e “*thousand*” [ˈtaʊzɪn], produzidas, respectivamente, por DES e ROB. Os segmentos /s/, [tʰ] e /ð/ também foram utilizados como substitutos ao som /θ/. Porém, por se tratarem de casos isolados, essas ocorrências foram agrupadas na categoria “outros”. Como exemplos, destacam-se as palavras “*something*” [ˈsʌmtʰɪŋ] e “*with*” [ˈwɪs], conforme pronunciadas por DAL e RIC, respectivamente. O símbolo Ø se refere às ocorrências nas quais o reconhecimento do fonema não foi possível durante a oitiva. As porcentagens relativas a essas ocorrências no que se refere ao som /θ/ são: 9% (faixa 4), 12% (faixa 3), 12% (faixa 2) e 8% (faixa 1). No trecho “*South Africans*” [saʊθ ˈæfɪkənz], produzido por BAB, não foi possível reconhecer se /θ/ é substituído por /f/ ou se é produzido

de acordo com a forma padrão. No que diz respeito ao número total de ocorrências desse som (120), o índice percentual referente ao seu não reconhecimento é 8%.

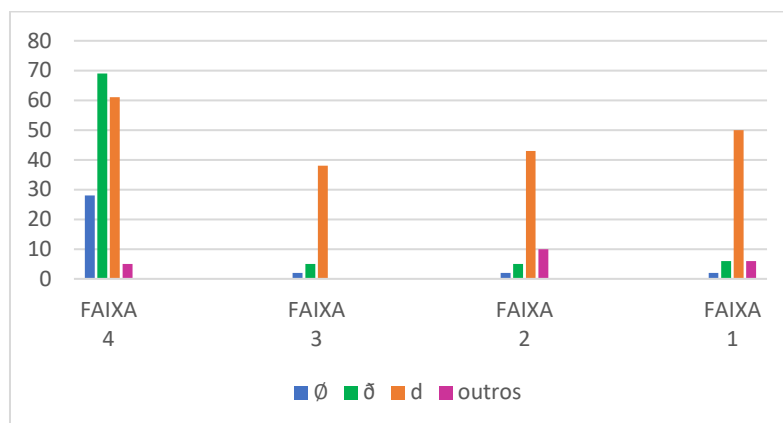


Gráfico 2: A produção do som /ð/ de acordo com o nível de proficiência  
Fonte: Cialdini (2023, p. 139).

O Gráfico 2 ilustra a produção da fricativa dental vozeada /ð/ pelos participantes desta investigação. No que tange aos dados referentes à faixa 4, é possível observar que os números referentes à produção desse som conforme a forma padrão aproximam-se dos números equivalentes à sua realização com o segmento [d]. Todavia, o número de produções do som /ð/ em conformidade com a pronúncia padrão é significativamente maior nessa faixa de proficiência se comparado com as demais faixas.

Os seguintes termos percentuais sintetizam a produção desse segmento pelos participantes deste estudo conforme a forma padrão: 42% (faixa 4), 11% (faixa 3), 8% (faixa

2) e 10% (faixa 1). Como exemplo, destacam-se as palavras “*clothing*” [ˈkloðɪŋ] e “*together*” [təˈgeðə] nas falas de VIS e LAC, respectivamente. Com relação à sua substituição por /d/, obtivemos as seguintes porcentagens, relativas às faixas de proficiência 4, 3, 2 e 1, respectivamente: 38%, 84%, 72% e 78%. As palavras “*another*” [əˈnʌðə] e “*themselves*” [demˈselvz], produzidas por CAH e LAP, respectivamente, são ilustrativas desse padrão de substituição. Sendo assim, observamos um expressivo declínio na produção do som /ð/ de acordo com a forma padrão entre as faixas de proficiência 4 e 3. Por outro lado, as porcentagens referentes a esse padrão de produção entre as faixas 3, 2 e 1 não sofrem variação significativa.

A fricativa dental desvozeada /θ/ e a tepe alveolar /t/ também foram detectadas como substitutas ao som /ð/. Porém, tratam-se de ocorrências pontuais e, portanto, insuficientes para a geração de dados percentuais. A substituição de /ð/ por /θ/ foi realizada pelo participante

CAM em ambas as vezes em que ele pronunciou a palavra “without” [wɪ'θaʊt] durante a apresentação do seu seminário. A substituição por /ɾ/, por sua vez, foi realizada por ISV nas palavras “other” e “another” como [ʌɾə] e [ə'nʌɾə], respectivamente.

As ocorrências representadas pelo símbolo Ø, relacionadas ao não reconhecimento do som, podem ser resumidas pelas seguintes porcentagens: 17% (faixa 4), 5% (faixa 3), 3% (faixa 2) e 3% (faixa 1). No desempenho oral de CAS, por exemplo, não possível distinguir se o som /ð/ na palavra *other* ['ʌðə] é realizado de acordo com a forma padrão ou com o segmento [d]. Considerando o número total de ocorrências desse som (346), obtém-se 9% como índice percentual referente a esse tipo de ocorrência.

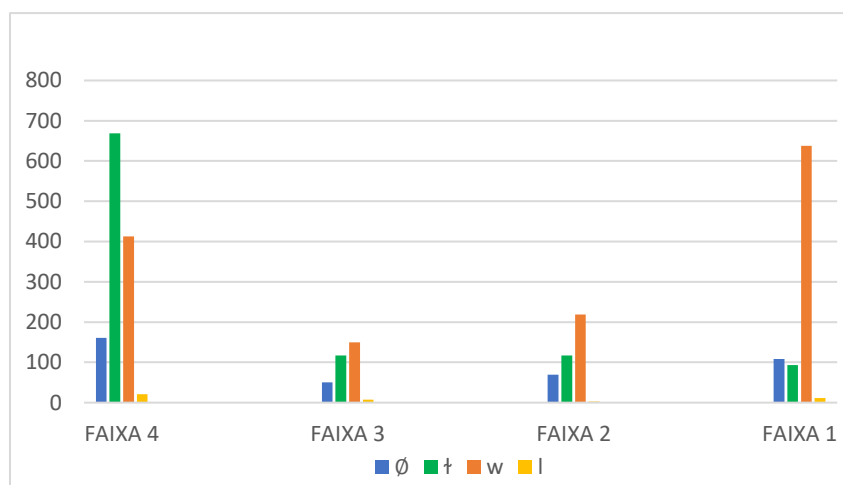


Gráfico 3: A produção do som /t/ de acordo com o nível de proficiência  
Fonte: Autora (2023, p. 140).

Segundo as informações do Gráfico 3, o índice de produção da lateral velarizada [ɭ] em conformidade com a forma padrão é consideravelmente mais alto do que as suas produções vocalizadas no que se refere aos falantes cujos desempenhos orais situam-se na faixa 4. É possível observar, ainda, uma queda no índice de produções de acordo com a forma padrão à medida que o nível de proficiência diminui: 53% (faixa 4), 36% (faixa 3), 28% (faixa 2) e 11% (faixa 1). Como exemplos, podemos citar as palavras “Brazil” [bɪə'zɭ] e “schools” [skulɭ], pronunciadas por LID e ISI, respectivamente.

Em contrapartida, o aumento das produções vocalizadas é inversamente proporcional à progressão dos níveis de proficiência. De outro modo, a substituição de [ɭ] por [w] aumenta à medida que os níveis de proficiência decrescem, conforme atestam os números percentuais no âmbito das faixas de proficiência 4, 3, 2 e 1, respectivamente: 33%, 46%, 54% e 75%. Como



exemplos desse padrão de produção, temos as ocorrências “meal” [miw] e “alternative” [aʷ'tɜ-nətrɪv] nas falas de WIT e JOA, respectivamente.

A realização do som [ɬ] como consoante lateral /l/ ocorreu em 1,37%. Tratam-se de contextos de juntura vocabular, como por exemplo, na produção do trecho “all of”, pelo participante DEM, como ['alʌv]. Segundo Ladefoged e Johnson (2011), esse é um fenômeno recorrente entre os falantes nativos da LI.

As ocorrências de [ɬ] representadas pelo símbolo Ø, referentes ao seu não reconhecimento durante o procedimento de escuta, podem ser traduzidas pelas seguintes porcentagens: 13% (faixa 4), 16% (faixa 3), 17% (faixa 2) e 13% (faixa 1). Considerando o número total de ocorrências desse segmento (3.079), tem-se um índice de 9% em relação ao seu não reconhecimento nesta investigação. A título de exemplificação, podemos citar a palavra “examples” [ɪg'zæmpəØz], produzida pelo participante ISA, na qual não foi possível distinguir se o som produzido era [ɬ] ou [w].

Em síntese, os Gráficos 1, 2 e 3 evidenciam que a produção dos sons /θ/ e [ɬ] de acordo com forma padrão é proporcional à progressão dos níveis de proficiência. Em outras palavras, conclui-se que quanto mais alto o nível de proficiência, menor é a probabilidade de os sons /θ/ e [ɬ] sofrerem substituições. Embora o índice de produção do som /ð/ seja expressivamente mais alto entre os desempenhos orais classificados na faixa 4, não há diferenças significativas entre os índices de produção desse segmento entre as faixas de proficiência 3, 2 e 1.

Acreditamos que o caráter não progressivo da produção do som /ð/ pode ser atribuído a uma limitação decorrente da eliminação de *function words* curtas. Segundo Roach (2009, p. 45), “embora não existam muitas palavras na LI com o som /ð/, ele aparece em palavras comuns

e usadas com frequência, tais como ‘the’, ‘this’, ‘there’ e ‘that’”. Isto posto, a desconsideração dessa classe de palavras pode ser vista como um fator comprometedor do *corpus* gerado para a análise da fricativa dental vozeada /ð/. Apesar dessa ausência de progressividade, a diferença entre os índices referentes às faixas 4 e 1 evidencia a existência de um elevado controle na articulação desse som entre os falantes cujos desempenhos situam-se na faixa 4.

Com base na fundamentação teórica apresentada neste artigo, as substituições realizadas aos segmentos /θ/, /ð/ e [ɬ] pelos participantes deste estudo são recorrentes entre os falantes nativos da LI. Concomitantemente, os índices de produção desses sons de acordo com a forma padrão certificam a existência de um nível de controle fonológico progressivo, isto é, proporcional à ascendência dos níveis de proficiência. Em outras palavras, ao mesmo tempo

que os padrões de substituição aos sons /θ/, /ð/ e [ʎ] por /t/ ou /f/, /d/ e [w], respectivamente, não deveriam ser considerados como desvios de pronúncia, observamos que a produção desses segmentos conforme a forma padrão configura-se como marcadora de proficiência.

Frente ao exposto, a nossa proposta de aprimoramentos para as faixas de proficiência analíticas utilizadas para a avaliação do aspecto “pronúncia” (Oliveira, 2021) no teste oral do EPPL – apresentada no Quadro 1, a seguir – contém dois descritores referentes à produção de aspectos segmentais: o descritor 3, acerca de desvios na produção de vogais e consoantes; e o descritor 6, sobre o nível de controle na articulação desses sons complexos da língua-alvo.

4	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apresenta fala inteligível e compreensível em toda a sua extensão.</li> <li>2. Utiliza a entoação para destacar elementos importantes do enunciado.</li> <li>3. Desvios na produção de vogais e consoantes são raros.</li> <li>4. Os desvios de tonicidade nas palavras são praticamente inexistentes.</li> <li>5. Desvios na produção de vogais e consoantes não são observados em concomitância a desvios de tonicidade nas palavras.</li> <li>6. Demonstra controle satisfatório na articulação de sons complexos da língua-alvo (/θ/, /ð/ e [t]).</li> </ol>
3	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apresenta fala inteligível e compreensível em toda a sua extensão.</li> <li>2. Não utiliza a entoação para destacar elementos importantes do enunciado.</li> <li>3. Desvios na produção de vogais e consoantes são raros.</li> <li>4. Raramente apresenta desvios de tonicidade nas palavras.</li> <li>5. Desvios na produção de vogais e consoantes não são observados em concomitância a desvios de tonicidade nas palavras.</li> <li>6. Demonstra controle moderado na articulação de sons complexos da língua-alvo (/θ/, /ð/ e [t]).</li> </ol>
2	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apresenta fala ocasionalmente ininteligível e incompreensível.</li> <li>2. Não utiliza a entoação para destacar elementos importantes do enunciado.</li> <li>3. Geralmente apresenta desvios na produção de vogais e consoantes.</li> <li>4. Ocasionalmente comete desvios de tonicidade nas palavras.</li> <li>5. Desvios na produção de vogais e consoantes são observados em concomitância a desvios de tonicidade nas palavras.</li> <li>6. Demonstra controle razoável na articulação de sons complexos da língua-alvo (/θ/, /ð/ e [t]).</li> </ol>
1	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apresenta fala ininteligível e incompreensível na maior parte dos enunciados.</li> <li>2. Não utiliza a entoação para destacar elementos importantes do enunciado.</li> <li>3. Frequentemente apresenta desvios na produção de vogais e consoantes.</li> <li>4. Frequentemente apresenta desvios de tonicidade nas palavras.</li> <li>5. Desvios na produção de vogais e consoantes são observados em concomitância a desvios de tonicidade nas palavras.</li> <li>6. Demonstra pouco controle na articulação de sons complexos da língua-alvo (/θ/, /ð/ e [t]).</li> </ol>

Quadro 1: Aprimoramentos para as faixas de proficiência analíticas do aspecto “pronúncia” do teste oral do EPPLÉ  
Fonte: Cialdini (2023, p. 185).

No manual de instruções<sup>10</sup> destinado aos examinadores do EPPLÉ, no qual encontram-se as informações necessárias para a interpretação das faixas de proficiência reelaboradas, é disponibilizada a seguinte orientação em relação ao descritor 6:

O nível de controle desses sons está relacionado à frequência com que os candidatos os substituem por formas de pronúncia mais simples. Todavia, sugere-se que as substituições de /θ/, /ð/ e [t] por /f/ ou /t/, /d/ e [w], respectivamente, não sejam vistas como desvios segmentais (descritor 3), uma vez que são recorrentes em variantes da LI (Johnson; Britain, 2007; Crystal, 2008; Blevins, 2006; Durian, 2008) e não afetam a inteligibilidade (Jenkins, 2000). (Cialdini, 2023, p. 186).

## Considerações finais

Neste estudo, apresentou-se uma análise da produção dos sons /θ/, /ð/ e [t] em 53 amostras de desempenho oral de (futuros) professores de LI. Nosso propósito foi investigar como os critérios de produção desses segmentos poderiam contribuir para a caracterização da produção oral desses professores e, por conseguinte, para a sugestão de melhorias para as faixas

<sup>10</sup> Vide Cialdini (2023, p. 186-187) para o manual completo.

de proficiência analíticas do aspecto “pronúncia” do teste oral do EPPLÉ, desenvolvidas por Oliveira (2021).

Substituições aos sons /θ/, /ð/ e [ʃ] por /t/ ou /f/, /d/ e [w], respectivamente, ocorreram em todos os níveis de proficiência, o que evidencia a alta complexidade desses segmentos para aqueles que possuem o português brasileiro como língua materna. Paralelamente ao fato de que tais substituições não representam desvios de pronúncia, uma vez que são recorrentes em variantes da LI vistas como “não padrão”, a produção desses sons de acordo com a forma padrão configurou-se como marcadora de proficiência. Em vista desses resultados, a proposta de aprimoramentos para as faixas de proficiência supramencionadas apresenta dois descritores relacionados à produção de aspecto segmentais: um descritor referente ao nível de controle na articulação de sons complexos da língua-alvo (/θ/, /ð/ e [ʃ]) e um descritor referente aos desvios na produção de vogais e consoantes.

Para estudos futuros que poderão vir a se ocupar de aspectos segmentais para a avaliação da pronúncia no EPPLÉ, sugerimos que a produção dos segmentos /θ/, /ð/ e [ʃ] seja considerada sob uma ótica mais apurada da Fonética e da Fonologia, como por exemplo, de acordo com a posição que se encontram nas palavras. Além disso, outros sons da LI que também possam caracterizar-se como complexos para os brasileiros poderiam ser analisados quanto às suas implicações para a proficiência oral, como por exemplo, a distinção entre os pares vocálicos /i/ - /ɪ/ e /æ/ - /ɛ/. A realização de análise acústica para a verificação da duração e das medidas de formantes desses segmentos vocálicos poderia trazer, inclusive, contribuições valiosas para a formação fonético-fonológica de professores de LI no contexto brasileiro.

Por fim, deve-se destacar uma possível contribuição deste trabalho para a área de formação de professores de LI. A perspectiva “Inglês como Língua Franca”, que norteia o ensino da LI na contemporaneidade, promove a valorização da inteligibilidade e o rompimento com formas precisas de pronúncia de um falante nativo ideal. Nesse sentido, a BNCC (Brasil, 2018, p. 246) propõe a elaboração de “repertórios linguístico-discursivos da língua inglesa, usados em diferentes países e por grupos sociais distintos dentro de um mesmo país. Assim, entendemos que maiores requisitos passam a ser exigidos do professor de LI nessa perspectiva de ensino, pois ele deve tornar o seu aluno competente para se comunicar com interlocutores provenientes de contextos sociolinguísticos diversos, sejam eles nativos ou não nativos da LI.

No que diz respeito aos segmentos /θ/, /ð/ e [t], essa perspectiva implica no conhecimento e na demonstração dos seus modos de produção em diferentes variantes da LI. Ao promover as diferentes formas de realização desses sons complexos, o professor de LI se tornará mais consciente das posturas fonéticas (Cagliari, 1978 apud Pagoto de Souza, 2012) que deverá realizar tanto em sala de aula quanto como usuário da LI.

## Referências

- ALVES, Ubiratã Kickhöfel; BRAWERMAN-ALBINI, Andressa; LACERDA, Mariza. *Fonética e Fonologia do inglês*. Porto Alegre: SAGAH, 2017.
- BLEVINS, Juliette. New perspectives on English sound patterns: “natural” and “unnatural” in evolutionary phonology. *Journal of English Linguistics*, Bellingham, v. 34, n. 1, p. 6-25, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *A fonética e o ensino de língua estrangeira*. Campinas: UNICAMP, 1978.
- CARR, Philip. *English phonetics and phonology: an introduction*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2013.
- CIALDINI, Marina Melo. *Uma proposta de aprimoramentos para faixas de proficiência destinadas à avaliação da pronúncia em um exame para professores de línguas estrangeiras: um produto da análise dos seus critérios avaliativos e da pronúncia dos sons /θ/, /ð/ e [t] em falas de (futuros) professores de língua inglesa*. 2023. 268f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2023.
- COLLISCHONN, Gisela; QUEDNAU, Laura Rosane. As laterais variáveis na região sul. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (Org.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 152-184.
- CONSOLO, Douglas Altamiro; TEIXEIRA DA SILVA, Vera Lúcia. Em defesa de uma formação linguística de qualidade para professores de línguas estrangeiras: o exame EPPLE. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 63-87, 2014. DOI: <https://doi.org/10.26512/rhla.v13i1.1334>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/1334>. Acesso em 30 out. 2025.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CRYSTAL, David. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- DURIAN, David. The vocalization of /l/ in urban blue collar Columbus, OH African American Vernacular English: a quantitative sociophonetic analysis. *OSU WPL Archive*, Columbus, v. 58, p. 30-51, 2008.

ECKMAN, Fred. Typological markedness and second language phonology. In: EDWARDS, Jette G. Hansen; ZAMPINI, Mary L. (Org.). *Phonology and Second Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 95-115.

ECKMAN, Fred. The Structural Conformity Hypothesis and the acquisition of consonant clusters in the interlanguage of ESL learners. *Studies in Second Language Acquisition*, Bloomington, v. 13, p. 23-41, 1991.

HANCOCK, Mark. *English Pronunciation in Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JENKINS, Jennifer. *The Phonology of English as an International Language: New Models, New Norms, New Goals*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

JOHNSON, Wyn; BRITAIN, David John. L-vocalisation as a natural phenomenon: explorations in sociophonology. *Language Sciences*, Tokyo, v. 29, p. 294-315, 2007.

LADEFOGED, Peter; JOHNSON, Keith. *A course in Phonetics*. Wadsworth: Cengage Learning, 2011.

MADDIESON, Ian. *Patterns of Sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MUGGLESTONE, Lynda. Received Pronunciation. In: BERGS, Alexander; BRINTON, Laurel (Org.). *The history of English: varieties of English*. Berlin: Mouton Reader, 2017, p. 151-168.

OLIVEIRA, Diego Fernando. *Faixas de Proficiência Analíticas para Avaliação da Língua(gem) Oral do Professor de Língua Estrangeira*. 2021. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2021.

PAGOTO DE SOUZA, Marcela Ortiz. *Produção e percepção das vogais e das fricativas /θ/ e /ð/ da língua inglesa por alunos de um curso de Letras*. 2012. 170f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2012.

REIS, Mara Silvia. *The perception and production of the English dental fricative phonemes by Brazilian EFL learners*. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Inglês e Literatura Correspondente – Língua Inglesa e Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ROACH, Peter. *English Phonetics and Phonology: a practical course*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

RODRIGUES, Jamila Viegas. *A emergência da lateral pós-vocálica em inglês-L2 de falantes do português brasileiro*. 2014. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ROSE, Yvan; MACWHINNEY, Brian. The PhonBank Project: Data and Software-Assisted Methods for the Study of Phonology and Phonological Development. In: DURAND, Jacques; GUT, Ulrike; KRISTOFFERSEN, Gjert. (Org.). *The Oxford Handbook of Corpus Phonology*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 380-401.

SNELLER, Betsy. Antagonistic contact and inverse affiliation appropriation of /TH/-fronting by white speakers in South Philadelphia. *The University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, v. 20, n. 2, p. 169-178, 2014.

WELLS, John. *Accents of English 2: The British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

*Recebido em 20 de fevereiro de 2024*

*Aceito em 09 de setembro de 2025*

## **Apêndice 1: EPPLE – Escala Holística para Avaliação da Proficiência Oral**

### **Faixa A**

- A1) Atinge plenamente os objetivos de comunicação verbal, apresentando fluência em velocidade e ritmo de fala.
- A2) Exibe padrões de pronúncia bastante semelhante a falantes competentes da língua estrangeira, sem influências marcantes dos padrões de sua língua materna, sem causar qualquer desconforto ou incompreensão por parte do interlocutor.
- A3) Fornece informações sobre experiências presentes e passadas de modo claro, e utiliza estruturas linguísticas (por exemplo, formas verbais de passado) e vocabulário, incluindo expressões lexicais (“*the year before*”) adequados e específicos para as necessidades de produção oral.
- A4) Narra e descreve, de modo detalhado, uma cena de vídeo. Levanta hipóteses a respeito da cena e estabelece associações com outras experiências, sugerindo contribuições para o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira.
- A5) Expressa conhecimento sobre regras de uso da língua e seleciona, desse conhecimento, as informações necessárias para esclarecer dúvidas linguísticas de alunos. É capaz de explicar regras linguísticas de modo claro, fazendo uso de terminologia específica, por exemplo, sobre classes de palavras e estruturas gramaticais. As explicações seriam plenamente compreendidas por alunos de língua estrangeira.
- A6) Não apresenta dificuldades de compreensão da fala na língua estrangeira em ritmo normal.

### **Faixa B**

- B1) Atinge plenamente os objetivos de comunicação verbal, apresentando fluência em termos de ritmo de fala, e se comete erros gramaticais, é capaz de se autocorrigir.
- B2) Exibe pronúncia bastante próxima aos padrões de falantes competentes da língua estrangeira, sem influências marcantes dos padrões de sua língua materna, e sem causar incompreensão do interlocutor.
- B3) Fornece informações sobre experiências presentes e passadas, e utiliza estruturas linguísticas (por exemplo, formas verbais de passado) e vocabulário, incluindo expressões lexicais (“*the year before*”) adequados e específicos para as necessidades de produção oral.
- B4) Descreve uma cena de vídeo. Levanta hipóteses a respeito da cena, mas apresenta certa dificuldade em estabelecer associações com outras experiências e para sugerir contribuições para o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira.
- B5) Expressa conhecimento sobre regras de uso da língua, mas apresenta dificuldade em explicá-las de modo claro, ou em selecionar as informações relevantes para esclarecer dúvidas linguísticas de alunos, fazendo uso limitado de terminologia específica de metalinguagem. Suas explicações não seriam plenamente compreendidas por alunos de língua estrangeira.
- B6) Não apresenta dificuldades de compreensão da fala na língua estrangeira em ritmo normal.



**Faixa C**

- C1) Atinge os objetivos de comunicação verbal, podendo apresentar limitações na fluência, em termos de ritmo e de velocidade de fala, e no uso de estruturas linguísticas.
- C2) Exibe pronúncia compreensível, porém com alguns desvios com relação aos padrões de falantes competentes da língua estrangeira.
- C3) Fornece informações sobre experiências presentes e passadas utilizando estruturas linguísticas simples e pouca variedade lexical.
- C4) Descreve uma cena de vídeo, mas apresenta dificuldade em levantar hipóteses a respeito da cena ou em estabelecer associações com outras experiências, e para sugerir contribuições para o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira.
- C5) Expressa conhecimento parcial sobre regras de uso da língua, mas não consegue explicá-las de modo claro. Tem dificuldade em selecionar informações para esclarecer dúvidas linguísticas de alunos, e sua fala seria compreendida apenas parcialmente por alunos de língua estrangeira.
- C6) Pode apresentar dificuldades de compreensão da fala em língua estrangeira, mas não a ponto de prejudicarem seu desempenho verbal.

**Faixa D**

- D1) Atinge os objetivos de comunicação verbal com limitações. Exibe falta de fluência e de competência no uso de estruturas linguísticas.
- D2) Exibe pronúncia compreensível, mas distinta, em alguns aspectos de sons e padrões de entoação, de falantes da língua estrangeira, podendo haver alguma interferência na compreensão e causar certo desconforto ao interlocutor.
- D3) Fornece informações sobre experiências presentes e passadas utilizando estruturas linguísticas simples, e pouca variedade lexical.
- D4) Descreve uma cena de vídeo, mas apresenta dificuldade em levantar hipóteses a respeito da cena e em estabelecer associações com outras experiências, e também para sugerir contribuições ao ensino e à aprendizagem de língua estrangeira.
- D5) Expressa conhecimento limitado sobre regras de uso da língua e não consegue selecionar quais informações são relevantes para esclarecer dúvidas linguísticas de alunos, ou não consegue explicar as regras da língua de modo claro. Sua fala seria de difícil compreensão por alunos de língua estrangeira.
- D6) Apresenta dificuldades de compreensão da fala na língua estrangeira em ritmo normal, as quais podem, ocasionalmente, prejudicar o desenvolvimento de seu desempenho verbal.

**Faixa E**

- E1) Não atinge satisfatoriamente os objetivos de comunicação verbal, apresentando falta de fluência e de competência na produção oral.
- E2) Exibe pronúncia nitidamente distinta, em aspectos de sons e padrões de entoação, de falantes da língua estrangeira, com interferências marcantes de sua língua materna, que podem causar incompreensão e desconforto ao interlocutor.
- E3) Fornece informações sobre experiências presentes e passadas utilizando estruturas linguísticas simples e pouca variedade lexical, e comete erros estruturais, com prejuízo para sua expressão oral.
- E4) Apresenta dificuldade em descrever uma cena de vídeo e em levantar hipóteses a respeito da cena, bem como em estabelecer associações com outras experiências e para sugerir contribuições para o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira.
- E5) Expressa pouco ou nenhum conhecimento sobre regras de uso da língua, e não consegue explicar regras da língua de modo a esclarecer dúvidas linguísticas de alunos de língua estrangeira.
- E6) Apresenta dificuldades de compreensão da fala em língua estrangeira em ritmo normal, as quais prejudicam seu desempenho verbal.

Fonte: Consolo e Teixeira da Silva (2014, p. 84-87)

## **Apêndice 2: EPPLE – Escala Analítica para Avaliação de Proficiência Oral**

PRONÚNCIA			
4	Emprega de maneira adequada a tonicidade nas palavras e utiliza a entoação para destacar elementos importantes do enunciado.		
3	Emprega de maneira adequada a tonicidade nas palavras, porém não utiliza a entoação para destacar elementos importantes do enunciado.		
2	Emprega de maneira inadequada a tonicidade nas palavras, porém não apresenta variações frequentes na produção de vogais e consoantes.		
1	Emprega de maneira inadequada a tonicidade nas palavras, assim como apresenta variações frequentes na produção de vogais e consoantes.		
FLUÊNCIA			
4	Faz pausas naturais e regulares as quais contribuem para a inteligibilidade do enunciado, assim como usa pausas para destacar elementos importantes da sua fala.		
3	Faz pausas naturais e regulares as quais contribuem para a inteligibilidade do enunciado, porém não usa pausas para destacar elementos importantes da sua fala.		
2	Faz pausas não naturais e desregulares, as quais afetam a inteligibilidade do enunciado, porém não repete sílabas e palavras ou corrige e reformula enunciados com frequência.		
1	Faz pausas não naturais e desregulares, as quais afetam a inteligibilidade do enunciado, assim como repete sílabas e palavras, além de corrigir e reformular enunciados com frequência.		
PRECISÃO GRAMATICAL			
4	Não produz omissão de morfemas gramaticais ou morfemas de conteúdo, assim como não adiciona morfemas desnecessários aos enunciados e/ou apresenta má formação de palavras.		
3	Não produz omissão de morfemas gramaticais ou morfemas de conteúdo, porém adiciona morfemas desnecessários aos enunciados e/ou apresenta má formação de palavras.		
2	Produz omissão de morfemas gramaticais ou morfemas de conteúdo, porém não apresenta má ordenação nos enunciados produzidos.		
1	Produz omissão de morfemas gramaticais ou morfemas de conteúdo, porém não apresenta má ordenação nos enunciados produzidos.		
PRECISÃO DO VOCABULÁRIO			
4	Estabelece relações coerentes entre o vocabulário empregado, expressando conhecimento sobre o tópico linguístico, assim como utiliza terminologia técnica adequadamente.		
3	Estabelece relações coerentes entre o vocabulário empregado, expressando conhecimento sobre o tópico linguístico, porém não utiliza terminologia técnica adequadamente.		
2	Estabelece relações incoerentes entre o vocabulário empregado, expressando desconhecimento sobre o tópico linguístico, porém reconhece palavras-chave presentes na tarefa metalinguística.		
1	Estabelece relações incoerentes entre o vocabulário empregado, expressando desconhecimento sobre o tópico linguístico, assim como não reconhece palavras-chave presentes na tarefa metalinguística.		
METALINGUAGEM E CONHECIMENTO ESPECÍFICO			
4	Expressa conhecimento linguístico e utiliza terminologia técnica no desenvolvimento de sua explicação.		
3	Expressa conhecimento linguístico, porém não utiliza terminologia técnica no desenvolvimento de sua explicação.		
2	Não expressa conhecimento linguístico, porém identifica/seleciona aspectos-chave relevantes para o problema proposto.		
1	Não expressa conhecimento linguístico, assim como não identifica/seleciona aspectos-chave relevantes para o problema proposto.		

Fonte: Oliveira (2021, p. 115).